

PANDEMIA E HABITUS DE CLASSE: ANÁLISE DE PRÁTICAS SOCIAIS DE AUTOCUIDADO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

PANDEMIA Y HABITUS DE CLASE: ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS DE AUTOCUIDADO SOCIAL DURANTE LA PANDEMIA DE LA COVID-19 EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE RECIFE

PANDEMIC AND CLASS HABITUS: ANALYSIS OF SOCIAL SELF-CARE PRACTICES DURING THE COVID-19 PANDEMIC IN THE METROPOLITAN REGION OF RECIFE

Bruno Leonardo FONSECA¹

RESUMO: Neste artigo, por meio de etnografias e biografia sociológica realizada com Jiboia – um membro das classes populares brasileira –, apresentamos que diante do contexto pandêmico a utilização de máscaras, realização do isolamento social, vacinação e higienização, não são apenas respaldadas pelas condições objetivas de vida, mas também, pelos condicionantes subjetivos de existência quando estes estão associados à *desigualdade existencial*. Este último, por vez, se estabelece na desigual alocação de respeito, dignidade e valorização da própria vida.

PALAVRAS-CHAVES: Pandemia. Classes populares. Desigualdade. Habitus de classe. Pierre Bourdieu.

RESUMEN: *En este artículo, a través de etnografías y biografía sociológica realizadas con Jiboia – miembro de las clases populares brasileñas–, presentamos que, ante el contexto de pandemia, el uso de mascarillas, el aislamiento social, la vacunación y la higiene, no son sólo sustentada en las condiciones objetivas de vida, pero también en las condiciones subjetivas de existencia cuando éstas se asocian a la desigualdad existencial. Este último, a su vez, se establece en la desigual asignación del respeto, la dignidad y el aprecio por la vida misma.*

PALABRAS CLAVE: *Pandemia. Clases populares. Desigualdad. Habitus de clase. Pierre Bourdieu.*

ABSTRACT: *In this article, through ethnographies and sociological biography carried out with Jiboia – a member of the Brazilian popular classes –, we present that, in the face of the pandemic context, the use of masks, social isolation, vaccination and hygiene, are not only supported by the objective conditions of life, but also by the subjective conditions of existence when these are associated with existential inequality. The latter, in turn, is established in the unequal allocation of respect, dignity and appreciation of life itself.*

KEYWORDS: *Pandemic. Popular classes. Inequality. Class habitus. Pierre Bourdieu.*

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife – PE – Brasil. Arquiteto e Urbanista, mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGS/UFPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7149-857X>. E-mail: brunofonsecaln@gmail.com

Introdução

Ao longo dos últimos três anos de pandemia, as práticas de utilização de máscaras, higienização das mãos, isolamento social, vacinação, busca por atendimento médico quando necessário, tem se tornado práticas cotidianas fundamentais para lidar com os perigos e ameaças advindos do Coronavírus. Tais práticas, nomeadas neste presente artigo de *práticas de proteção pandêmica*, são atravessadas por questões relativas às desigualdades sociais concernentes à luta de classes e, não estão, sob nenhuma hipótese, acessíveis de modo socialmente justo para todas e todos.

Amartya Sen (2001) nos ensina que para formularmos uma dada dimensão a ser analisada de uma desigualdade social qualquer, carecemos da evocação do seguinte questionamento: “*desigualdade de que?*”, para assim, como estratégia de pesquisa, formularmos os “espaços de avaliação”, isto é, a seleção dos critérios relevantes que serão utilizados para analisarmos uma determinada desigualdade social.

No caso desta pesquisa, analisamos nos “espaços de avaliações” a reconstrução dos sentidos que os agentes sociais atribuem aos seus atos. A *prática de proteção pandêmica* aqui analisada a partir das desigualdades sociais que residem entre as *condições objetivas de vida* e as *condicionantes subjetivas de existência*. Esta última, posta no sentido bourdieusiano de *ethos de classe*², compreendido aqui sob o conceito de Therborn (2011) de *desigualdades existenciais* - relativo às questões de baixa dignidade, autoestima social e valorização da própria vida.

Para tanto, utilizamos como metodologia as análises etnográficas e, principalmente, biografias sociológicas fincadas em Bernard Lahire (2004), na qual utilizamos, além dos conceitos que serão apresentados em breve, três roteiros de entrevistas semiestruturados. A pesquisa revela que as *práticas de proteção pandêmica* não são apenas respaldadas por desigualdades materiais e econômicas. Ao reconstruir os sentidos que os agentes atribuem a tais práticas, inferimos que os condicionantes subjetivos relativos à desigualdade *existencial* são determinantes sociais. Assim, após apreendermos as disposições subjetivas de Jiboia em diversos contextos sociais, diacrônicos e sincrônicos, compreendemos que no contexto pandêmico as questões relativas à baixa valorização da própria vida figuram como determinantes para as baixas *práticas de proteção pandêmica* no caso de Jiboia.

² O conceito *bourdieusiano* de *habitus* é aqui fragmentado para atender com melhor precisão os interesses desta pesquisa, embora Pierre Bourdieu ao longo da sua trajetória acadêmica tenha abdicado desta fragmentação. Tratamos do conceito de *habitus* a partir de três partes constitutivas: o *eidós*, conjunto de esquemas lógicos de avaliação e ação; o *hexis* relativo à corporificação, no sentido das disposições que se tornaram corpo, posturas, gesto; e o *ethos*, como um conjunto axiológico e sistemático de disposições da dimensão ética, nas formas de ser e estar no mundo social. Nesta pesquisa utilizamos especialmente *habitus* e *ethos*.

As três entrevistas foram realizadas ao longo dos anos de 2021 e 2022, contou com um gravador de áudio e um bloco de papel para tomadas de notas, ambos autorizados por Jiboia. A entrevista ocorreu em sua casa, mais especificamente no espaço destinado para o seu mercadinho, enquanto atendia os poucos clientes. Jiboia foi informado que a pesquisa tratava da vida dos moradores de ocupações urbanas e que os dados colhidos não seriam necessariamente utilizados; além disso, o entrevistado foi informado que qualquer questão que levasse ao reconhecimento de sua verdadeira identidade seria mantida sob sigilo.

Desigualdade Existencial e Habitus de classe no Brasil

Acerca da disposição na sociologia disposicionalista, de acordo com Pierre Bourdieu (2001, p. 171), após um jogo de palavras *heideggeriano*, “*disposição é exposição*” e, isto ocorre, justamente porque o corpo está exposto às exterioridades do espaço social: aos perigos, aos acolhimentos, às complacências ou constrangimentos do mundo social que o cerca, a começar pelas imposições das condições materiais de existência, como por exemplo, os agentes sociais residentes nos bairros populares – os quais apresentam os baixos índices das *práticas de proteção pandêmica* – que carecem de toda uma condição material que os distanciam do cumprimento das recomendações do isolamento social, uso de máscaras, vacinação etc.

Assim, é a partir de uma determinada *posição objetiva* - principalmente através da classe social - ocupada no espaço social que os agentes sociais compreendem o espaço social que os engloba, e assim vão se condicionando a uma classe de *habitus* que os orientam pelos condicionantes deste mundo social específico. O *habitus* se encontra ajustado às regularidades da posição no mundo social, funcionando como estrutura estruturante e estrutura estruturada, isso porque as estruturas sociais utilizadas pelos agentes para compreender o mundo são ao mesmo tempo o produto incorporado desse mesmo mundo estruturado e estruturante que o cerca, pois, como se sabe, os agentes sociais apenas compreendem o mundo social que os engloba, engendrando neste sentido “*produtos de uma sistematicidade não desejada e inconsciente a si mesma*” (BOURDIEU, 2007, p. 45); e que, por vez, estão aptas a orientar os indivíduos por práticas sociais comuns e cotidianas, sendo estas mais ou menos homólogas entre os membros da mesma fração e classe social. Isso significa que os agentes sociais ao tomarem suas decisões acerca das *práticas de proteção pandêmica* não escolhem o princípio de suas escolhas, que é o *habitus classe*.

Na *praxiologia bourdieusiana* a *prática* é o lugar da dialética entre as *posições objetivas* e *disposições subjetivas*, cabendo ao primeiro, a exterioridade objetivada das estruturas sociais

que condicionam a percepção e a ação dos agentes sociais, como uma espécie de uma “*tabela rigorosa das categorias historicamente constituídas*” (BOURDIEU, 2007, p. 436), ou seja, de um *espaço social* que se constitui no e pelo sistema de oposições *relacionais* das diferentes posições sociais e das diferentes distribuições das condições de vida; enquanto o segundo, encontra-se abrangido pelo conceito de *habitus*, definido como o princípio unificador das *disposições subjetivas* que, embora se formem no decorrer da história coletiva de uma sociedade.

Neste sentido, por meio da incorporação no decorrer da história individual dos agentes sociais, de acordo com as diferentes posições objetivas dos agentes em um dado espaço social, que se pré-condicionam as diferentes percepções e as ações destes agentes em cada contexto socializado e socializante, tornando o *habitus* um produto da aquisição histórica por um legado das *lutas históricas* entre as diferentes classes sociais.

Na obra “*Subcidadania brasileira*” (2018), o sociólogo reconstrói o modelo *bourdieusiano* de classe social no Brasil, considerando as diferenças fundamentais entre as sociedades de países centrais e as de países periféricos. Em sua interpretação sociológica das classes sociais brasileiras, a noção burdieusiana de luta de classes e de *habitus* de classe se soma a noção *tayloriana de hierarquias* valorativas das sociedades modernas, as quais são fundadas em fontes de instituições fortes, como o mercado e o Estado, e que acabam classificando apenas como cidadão os agentes capazes de lidar com as exigências modernas, como a prospecção, produtividade, racionalidade. Esse reconhecimento de cidadania moderna, concedida apenas aos agentes racionais dignamente produtivos, respaldadas pelas “fontes morais” das instituições fortes na modernidade, é definido como *habitus primário*.

Neste sentido, Jessé Souza (2018) argumenta que o *habitus* pensado por Pierre Bourdieu não pressupõe uma condição fundamental da sociedade francesa: o reconhecimento socialmente compartilhado, de modo transclassista, na qual todos os franceses são cidadãos franceses. Por outro lado, a ausência dessas mesmas pré-condições sociais caracterizam o conceito de *habitus precário*, correspondendo ao conjunto das disposições subjetivas interiorizadas - de acordo com as posições e condições objetivadas - que segundo Souza (2018, p. 240) “*não atendem às demandas objetivas para que um indivíduo ou um grupo social possa ser reconhecido como produtivo e útil numa sociedade de tipo moderno e competitivo*”, sendo assim, reconhecidos socialmente como *subprodutores e subcidadãos* e, portanto, *sub-humanos*. O resultado é a construção de toda uma gama simbólica de estigmatizações e noções preconceituosas que apresentam correlatos de estruturas cognitivas dos agentes sociais: desqualificando, criminalizando e abolindo o reconhecimento da dignidade social de uma classe

social inteira, inclusive tendo esse reconhecimento pejorativo compartilhado entre as próprias vítimas da violência simbólica exercida.

Dito isso, Souza (2018) define as classes populares brasileiras, em sua condição social peculiar de subcidadania, pela produção e reprodução de um *habitus precário* ao longo do tempo e do espaço, sendo essa a condição peculiar para a produção e reprodução da *ralé estrutural* brasileira. Neste sentido, na tese central da obra, é explicado que cerca de 1/3 da população brasileira, devido à ausência das pré-condições sociais mínimas para dar conta das exigências da dignidade do “agente racional” moderno, encontra-se na posição de exclusão e desclassificação perante toda a sociedade como “subprodutores” e, portanto, classificados pela hierarquia valorativa moderna como *subcidadãos*. Cabe ressaltar ainda, que esse enorme contingente de brasileiras e brasileiros foi primeiramente nomeado por Florestan Fernandes (2008) como primeira *ralé urbana* e *ralé secular*, justamente pela ausência das condições *psicossociais* necessárias para integrarem a uma sociedade moderna e competitiva.

Acerca da baixa dignidade social, da condição de subcidadania, da negação de reconhecimento social como agente produtor e válido que atinge grupos sociais e classes sociais inteiras. O sociólogo Goran Therborn (2011, p. 21-22) propõe perspectivas analíticas entre diferentes tipos de desigualdade. Para o nosso interesse, destacamos a noção de *desigualdade existencial*, estabelecida na negação de uma igualdade entre todas as pessoas humanas, por meio das desiguais alocações de respeito, reconhecimento social, dignidade, humilhação, ignorância e marginalização.

Deste modo, ao tratarmos do habitus de classe, ou mais precisamente, do *ethos de classe* da *ralé estrutural* brasileira, estamos falando de um *ethos precário*, ou seja, uma concepção de ser e estar no mundo constituída de modo precarizado; devido à ausência das pré-condições sociais necessárias para obter o reconhecimento social de cidadania moderna e a dignidade social; restando a estes indivíduos e classes sociais inteiramente marginalizadas e estigmatizadas uma ausência do reconhecimento da dignidade humana, resultando em concepções identitárias de baixa autoestima e dignidade individual e coletiva, assim como, por tantas outras condições que correspondem ao polo deficitário da *desigualdade existencial*.

Entretanto, cabe ressaltar que o habitus de classe não está posto aqui de maneira mecanizada por coerções externas, e sim de um *habitus* adaptável, sendo transponível aos diversos contextos sociais das diferentes práticas sociais. Como propõem por Bernard Lahire (2004) ao assumir uma postura sociológica dentro do campo disposicionalista da ação que considera a pluralidade dos diferentes meios sociais sendo rebatido na pluralidade da socialização dos indivíduos, que por fim, desdobra-se na pluralidade disposicional dos agentes

sociais a partir da particularidade de cada trajetória social. Lahire elabora da obra bourdieusiana constrói o entendimento de que a heterogeneidade do mundo social está incorporada na construção social dos indivíduos, ou ainda, que toda ideia de *campo* - que compõem as múltiplas externalidades do espaço social - opera também na dimensão individual interiorizada nos agentes sociais. Assim, nesta biografia sociológica aqui apresentada, utilizamos conceitos disposicionais como inclinações, pluralidade de disposições, aptidões, variações intraclasse, rupturas biográficas etc.

Jiboia

Mais conhecido como Jiboia, Antônio da Silva é um dos moradores mais antigos da Ocupação Dandara na periferia do Recife. Jiboia tem 62 anos, divorciado diversas vezes, pai de 18 filhos sem estabelecer relação firme com nenhum. É pedreiro e proprietário de duas pequenas “barracas” onde se comercializa produtos higiene, limpeza, alimentos básicos, bebidas alcoólicas, que funcionam dentro das suas duas casas localizadas em duas ocupações urbanas.

Proprietário de um patrimônio de capacidades no que diz respeito às práticas da construção civil, Jiboia é reconhecido frequentemente como o “engenheiro da ocupação”, prestando serviços tanto quando a questão é coletiva, como também na ajuda pontual aos vizinhos. Jiboia é solidário e suas habilidades de provimento da vida cotidiana diante de condições objetivas tão precarizadas estão, por muitas vezes, a serviço da ajuda comunitária. Apesar das queixas pela falta de reconhecimento por suas ações coletivas e da falta de colaboração financeira dos demais, Jiboia se orgulha dos serviços prestados.

Em sua trajetória como militante por direito à moradia, foi por mais de duas décadas presidente da associação de moradores de uma famosa comunidade do Recife, conhecida no campo do direito à cidade pelo histórico de resistência contra os despejos fundiários.

"Olhe, dos 13 anos pra trás eu sofri demais"

Jiboia é natural da zona rural de Aliança - um pequeno município localizado na zona da mata norte pernambucana. Jiboia nasceu, como costuma dizer, *dentro de um partido de cana*, inclusive, lugar no qual também sofreu a exploração do trabalho infantil na lavoura. Jiboia permaneceu neste trabalho relativamente análogo à escravidão até que decidiu fugir para o Recife - *"Olhe, dos 13 pra trás eu sofri demais"*.

Jiboia é o único filho de seu pai com sua mãe; "*Meu pai era Durval Caetano, chamava ele de Durval, meu pai era de Exú. Foi pra usina ficar trabalhando, aí em Aliança mesmo ele morreu*". Jiboia é órfão por parte materna desde o seu nascimento, a história do que realmente houve com sua mãe e os motivos de ter sido arrancado dela ainda ao nascer nunca lhe foram revelados. Apesar dos 62 anos, Jiboia ainda hoje não sabe o paradeiro de sua mãe; não sabe o que aconteceu no seu nascimento; não sabe se seus pais biológicos tiveram alguma relação conjugal; como também não sabe sequer dar certeza sobre o nome dela. Questões tais que lhe traz ressentimento e tem desdobramentos em sua vida.

Quando Jiboia tinha apenas três anos de idade, Durval se casou com Ruth, a quem para ele logo de início é classificada como *muito malvada*. – "*Tem mãe que não é a mãe da gente, mãe é mãe*". Da união de Durval e Ruth nasceram mais três filhos. Assim sendo, a composição familiar mais central ficou constituída com Jiboia sendo o filho mais velho da casa.

O período em Aliança, ao longo da sua infância e início da adolescência, traz memórias à Jiboia que ele não gosta de recordar. As duras dores do passado que, como nos revela "*Me vêm na cabeça, mas tento esquecer*", estão fortemente vinculadas às condições objetivas de vida, bem como pelas particularidades que as *variações intraclasse*. Como se sabe, o trabalho infantil no campo atinge milhares de crianças no nordeste brasileiro; contudo, como mostraremos nesta pesquisa, cada indivíduo desta posição social se relaciona de modo singular com o mundo social, seja nas aptidões, inclinações, disposições, particularidade de cada trajetória.

No trabalho da cana, Jiboia começou a acompanhar o pai tão cedo em sua vida que não consegue sequer recordar-se quando passou a auxiliar o pai nas atividades de trabalho. Aos 8 anos, já dispo de um *patrimônio de capacidades disposicionais* que são exigidas nas atividades de trabalho da lavoura, incorporada através de uma *socialização indireta* com o mundo do trabalho do pai, Jiboia foi convidado pelo feitor da usina a trabalhar "formalmente".

Além de ser criança e ter que enfrentar o árduo trabalho da cana, Jiboia fala com revolta e ressentimento do período em que trabalhou em sua cidade natal. Principalmente devido à posição ocupada no espaço familiar e nas relações particulares estabelecidas com sua madrasta; cabe destacar ainda que é nas intersecções entre os contextos do mundo do trabalho e do mundo familiar que as interações estabelecidas com a madrasta se tornam ainda mais ardilosas e, até mesmo, mais desumanas. Ele nos conta, em tom agressivo, que era comum sofrer sanções impostas pela madrasta caso não batesse as metas diárias do trabalho na usina, como por exemplo, almoçar apenas quando terminasse o serviço; se não conseguisse terminar até o horário do almoço, era obrigado a cumprir a demanda de trabalho no período da tarde, sem sua

principal refeição do dia. As duras sanções impostas, assim como a apropriação de seu salário por Ruth não ocorriam escondido de Durval; ao contrário, o pai de Jiboia foi bastante omissivo diante do contexto - "*Eu ficava magoado porque pai nada dizia*".

Embora seja habilidoso com os números, na construção civil e na administração de suas duas barracas, como orgulha-se em contar, Jiboia é analfabeto. A sua relação com o mundo escolar praticamente inexistiu em sua trajetória de vida: começou aos 9 anos e parou aos 13, quando fugiu para o Recife. Além das várias dificuldades impostas, como a grande distância entre sua casa e o colégio, o horário da escola quase sempre era comprometido pelas obrigações do trabalho, pois, como ele alerta, a prioridade era sempre ir ao trabalho. Em entrevistas, Jiboia se culpa por ser analfabeto e se autopenaliza por isso, definindo-se, inclusive, como "*uma pessoa neutra*".

Outro ponto de sofrimento social que teve sua gênese em sua infância - talvez o mais central - e que cabe aqui ser compreendido como um *ethos precário* estabelecido como um condicionante subjetivo a partir de uma posição de *ralé estrutural* brasileira é uma certa desestruturação do núcleo familiar, do qual se espera que atue como ambiente fecundo da transmissão afetiva de valores. No caso particular de Jiboia, o tipo de relação específica com a madrasta, a ausência materna ao longo de sua vida, a exploração no trabalho infantil da lavoura da cana, a extrema pobreza, ausência do ambiente escolar e a omissão do pai conformam as particularidades de um *ethos precário* engendrados ainda na infância e adolescência.

Jiboia, um sujeito solto no mundo, um bezerro rejeitado

Em muitos dos momentos nos quais fala de si, Jiboia expressa uma vida marcada pela solidão, tanto na dimensão familiar, ausência materna, ausência de uma companheira matrimonial, o não reconhecimento como irmão pelos demais irmãos parte de pai - "*Me sinto sozinho no mundo porque os outros que eu tenho de lá não liga pra mim, tem dois irmãos nunca vem na minha casa, eu fui lá não sei quantas vezes*" -, sem relação próxima com os 18 filhos, como também nas relações de amizade; embora more há quase 50 anos na região metropolitana de Recife, Jiboia não construiu nenhuma amizade duradoura e sólida.

Neste sentido, é possível inferir que a vida solitária figura como um elemento importante em sua vida. Ao longo da entrevista e dos eventuais encontros nos quais pude observar e interagir com Jiboia, uma música por ele nomeada de "Bezerro rejeitado" foi, por vezes, trilha sonora dos momentos que estivemos juntos. A música o sensibiliza e o traz um significativo grau de identidade e reconhecimento:

J - Oxe, sofria, é por isso que de vez em quando toca essa música eu fico meio triste [...] Um bezerro rejeitado, um gado quando rejeita um filho você faz o quê? O cara não dá na mamadeira? Porque a mãe não queria dar.... aí fico pensando nisso. Penso muitas vezes, aí depois que saiu essa música, pronto! Aí é que eu penso mesmo... Eu me lembro muito dessa música por mode disso, eu nasci um bezerro rejeitado, não vi mãe, ficava mamando de um, ficava mamando de outro, aí fica no lamento

Uma outra questão central na vida solitária de Jiboia é a ausência de uma companheira conjugal fixa, principalmente em dois pontos. Primeiro, está ligado à divisão sexual do trabalho, a ausência de uma companheira é também a ausência de um alguém que cumpra as atividades domésticas, assim, a dupla jornada de trabalho, que em geral, é comum às mulheres, acaba sendo cumprida cotidianamente por Jiboia. Segundo, a ausência de reconhecimento no amor, cabendo a esta uma ausência de um companheirismo conjugal, como nas atividades de lazer e afeto.

Seu pai foi o único parente do núcleo familiar mais central que Jiboia estabeleceu relações familiares mais sólidas. Inclusive, a única herança via transmissão afetiva de valores herdada da família como patrimônio disposicional, advém do pai na forma de uma dada *economia moral*, no sentido do lidar com as relações conjugais e com as baixas condições objetivas de vida:

J - É por isso que hoje em dia, quando meu pai morreu, me chamou, e eu fui lá. Ele disse, “olhe meu filho, tô morrendo” chamou os filhos tudinho. Eu e Luizinho... fui, ‘olhe, só tem uma coisa que eu peço a você, você casou-se, não bata na mulher, nem deixe passar fome, se não der pra viver deixe, e não deixe sua geladeira faltar nada dentro de casa’, hoje em dia tá aí, tem quatro [geladeiras], onde você procurar tem um pedaço de carne, graças a deus!

As particularidades dos encontros: as rupturas de uma trajetória

Ao longo dos seus 62 anos, Jiboia diz ser grato a apenas duas pessoas em sua vida; ambas estabeleceram relações particulares com Jiboia e foram em si potencialidades transformadoras ao longo do percurso biográfico. As socializações estabelecidas com Paulo e Faixa foram fundamentais no percurso de vida de Jiboia, e como o entrevistado coloca, a vida sem eles seria diferente hoje – *"Paulo e Faixa foi muita coisa pra mim... seria diferente porque eu não teria aprendido as coisas que eu sei."*

Faixa é a figura responsável por uma importante *ruptura biográfica* na vida de Jiboia, pois *"Faixa quem me tirou da cana, não sei se tá vivo ou se está morto, mas agradeço aonde*

ele tiver"" , como também, inclusive, foi com Faixa que Jiboia começou a aprender as primeiras competências construtivas: "*Ele fazia jarro... tá, aprendi a fazer jarro... mexer com gesso.*"

Faixa ofereceu-lhe emprego e moradia no Recife e, mesmo que estes fossem bastante precarizados e Jiboia ainda estivesse submetido aos abusos do trabalho infantil, ainda assim, na época, foi o caminho escolhido por ele diante das possibilidades e impossibilidades para seguir sua vida. A vida de Jiboia trabalhando para Faixa não durou muito, após seis meses, Jiboia se indignou com as condições impostas por Faixa e deixou de trabalhar para ele.

Na história que Jiboia nos conta sobre sua vida é fundamental ressaltar que ao longo da cronologia contada por ele há uma lacuna sem informações relativo ao período entre sua saída da casa de Faixa e o momento que ocupou o que é hoje a comunidade do Iraque. Em um período de mais ou menos 10 anos, não sabemos o que aconteceu na vida de Jiboia. Nas ocasiões das três entrevistas, buscamos acessar de muitas formas informações acerca do período, contudo, todas em vão.

Enquanto Paulo nos é apresentado como seu grande mestre - "*A minha vida melhorou por causa dele, porque se não fosse, eu ainda viveria sem leitura e vivia aqui e acolá*". Paulo foi um mestre para além das *competências* na construção civil, ensinou valores importantes à Jiboia, como a dirigir, a trabalhar com serragem e, fundamentalmente, foi a partir das interações estabelecidas com Paulo que Jiboia inculcou disposições subjetivas ascéticas de lidar com dinheiro e também no gerenciamento dos alimentos para que não faltassem, disposições nada comuns para sua fração de classe social.

Assim sendo e considerando que a transferibilidade das práticas - como o ascetismo para lidar com o dinheiro - para outros contextos está presente no próprio conceito de *habitus*, compreendemos sociologicamente que as disposições ascéticas de Jiboia, a partir das interações com Paulo, criaram condições e condicionantes permissivos, capacitando Jiboia no gerenciamento dos seus dois pequenos comércios, bem como em outros contextos da sua vida:

J - Aprendi a guardar dinheiro com ele, pegava hoje amanhã já tava liso, pegava dinheiro no final de semana, na segunda já tava pedindo dinheiro emprestado, "mas rapaz, eu paguei tanto a tu, tu vive só, gasta com os outros e hoje já tá pedindo dinheiro... é assim, assim, assim" , eu abaixava a cabeça e dizia 'tá certo, tá certo'... **hoje em dia tenho isso [indicando com os olhos as prateleiras da barraca] por mode dele, para mim foi muita coisa pra mim, entendeu? para mim foi... aí peguei a gostar**, e ele dizendo, olhe isso e isso, "você não tem nada se você não guardar", "você vê, o rico pra comer é um tanto assim, é folha, é mato é essas coisas para ter as coisas, e tem, e ainda quer mais, o mesmo eu digo a você", **aí foi onde eu fui botando isso na cabeça, graças a Deus.**

Na Sociologia disposicionalista as subjetividades dos agentes sociais são, antes de tudo, sedimentos de práticas historicizadas ao longo da história de vida dos agentes a partir de uma posição de classe no espaço social. Ao analisar um percurso biográfico, como no caso de Jiboia, é importante atentarmos que determinadas práticas apreendidas em diversos contextos sociais somente são possíveis devido a condicionantes anteriores. Aqui, cabe ressaltar que as sociabilidades estabelecidas com Paulo, embora plurais em seus contextos, iniciaram a partir das relações de trabalho da construção civil, o que só foi possível devido às apreensões de um conjunto disposicional de capacidades que tiveram seu fulcro estabelecidas em sociabilidades anteriores com Faixa – "*Quando eu cheguei em Paulo, eu já tinha uma experiência de Faixa.*".

Deste modo, compreendemos que é a partir de tais interações particulares que Jiboia passa a dispor de um patrimônio de competências condicionadas que, certamente, são fundamentais para que ele disponha, atualmente, de uma das melhores condições econômicas da ocupação, tanto pelas competências na construção civil, bem como por um *ethos* relativamente *ascético* nas dimensões financeira e alimentar.

Condicionantes individuais: as variações objetivas intraclasse

Antes de morar na Dandara, Jiboia morou no Iraque - um dos bairros mais pobres do Recife -, onde permaneceu por quase três décadas. A vida de Jiboia no Iraque ocupa um lugar de destaque em sua trajetória. Foi na comunidade que por mais de duas décadas Jiboia ocupou o cargo de presidente da associação em um amplo período marcado por conflitos fundiários. Acerca desse período, Jiboia faz questão de contar os seus fatos e mostrar suas fotos, que por sinal, guarda com muito zelo e orgulho - "*Foi bom demais. Gosto de trabalhar com gente, quando ia, ia aquela quantidade de gente pra reunião na prefeitura 'eita!', ia tudinho*".

Aqui, como atividade sociológica, nos cabe compreender tamanha particularidade. Certamente, uma das características pessoais que possibilitaram à Jiboia ocupar durante anos o cargo de líder comunitário foi o pertinente traço disposicional à *atividade pública* e à *atividade coletiva* e, alinhado a essas, as *competências disposicionais* de um construtor com alta especialidade em materiais precarizados, que a cabo, é a especialidade demandada em seu cotidiano e na dos vizinhos. "*No Iraque eu fui presidente do conselho.... nunca perdi uma eleição pra ninguém.... porque eu fazia de tudo, como aqui, eu fazia de tudo*".

Como se sabe, é de longa data a prática política na qual alguns vereadores da cidade do Recife estabelecem relações políticas com líderes comunitários visando capilarizar-se nos territórios populares e assim, angariar mais e mais votos; por muitas vezes, essas práticas se

estabelecem através de “troca de favores”. Em dado momento da conversa, Jiboia nos revela que a maior posição ocupada por ele no mercado de trabalho foi possibilitada por tais práticas com um conhecido vereador da cidade.

Neste sentido, é preciso evidenciar que no contexto da época quando conseguiu tal emprego - ressaltando aqui que como membro da *ralé brasileira* Jiboia não dispunha das pré-condições sociais de adquirir capital econômico e capital cultural certificado do sistema escolar - podemos compreender que tal permissibilidade se deu através do patrimônio disposicional de Jiboia voltado às questões públicas e coletivas somadas ao seu patrimônio de capacidades construtivas, que por vez, possibilitaram uma acumulação de capital político suficiente para tecer relações de troca com o tal vereador, e assim, como elemento de troca, ocupou um emprego de carteira assinada que, por sua vez, o posiciona, diferindo em certo grau, portanto, dos demais vizinhos, ou mais amplamente, dos membros de sua fração de classe. Assim sendo, a partir das análises biográficas e etnográficas aqui postas, é possível reconstruir, em certa medida, como certo *patrimônio disposicional* de Jiboia o condicionou a ocupar a sua maior posição no mundo do trabalho.

Apesar do *habitus precário* de Jiboia, uma análise mais aproximada dos meandros do percurso de vida dele nos revela condicionantes subjetivos que compreendemos como um orgulho próprio associado ao seus feitos, que o diferem em grau significativo dos demais membros de sua fração de classe. Em geral, duas questões aparecem com certa frequência ao longo da entrevista: a profissão de segurança em um banco público com carteira assinada e o cargo de presidente da associação são momentos que destoam bastante em sua vida.

Cidade, favela; respeito, desrespeito; cidadão, cachorro

Como se sabe, a grande maioria da massa de pobres do Brasil mora nas ditas favelas urbanas. Nos cabe aqui analisar os agentes sociais não apenas acerca das condições objetivas de vida, mas também dos condicionantes subjetivos de existência impostos pelas primeiras. Torna-se imprescindível aqui, para a compreensão sociológica das práticas cotidianas da *ralé* no período pandêmico, o exercício de revelar a partir dos trabalhos empíricos o sentimento e sentido profundo do que é “ser um favelado” no país. Neste sentido, a sociologia urbana *bourdieusiana* nos oferece alguns valorosos instrumentos: uma dialética entre *espaço físico reificado* e *habitus de classe* é um deles.

Ao explicar suas visões do mundo social e, em especial, sobre a “favela”, Jiboia logo trata de desnaturalizar a violência simbólica incidida nos bairros populares no que tange às

mazelas sociais atribuídas à violência urbana nestes territórios. Para Jiboia, questões como roubos e homicídios que ocorrem em bairros populares, também ocorrem em "lugares bonitos", como em Boa Viagem - zona sul do Recife e um dos metros quadrados mais caros da cidade – *"Que é um lugar bonito, beira de praia, tudinho... o povo mata um, aleija um, rouba tudinho... do jeito que é aqui."*

Contudo, apesar dos esforços de Jiboia em desnaturalizar que não existe CEP para muitas das mazelas sociais, o senso comum transclassista do efeito de estigmatização incidido sobre "o ser favelado" opera nos condicionantes subjetivos de Jiboia. Embora reforce o gosto que tem pela "favela" e a importância desta em sua vida, ser "favelado" é ser humilhado, como também é ter uma série de direitos negados, por exemplo, a aparentemente simples questão de não receber correspondências em sua residência. De acordo com os entendimentos de Jiboia, tal questão de humilhação por ser "favelado" é a humilhação que os ricos impõem aos pobres:

B - Tu se sente como por morar numa favela?

J - **Eu mesmo me sinto humilhado. Sempre morei em favela, e é na favela que eu tiro a minha bolacha para comer é dentro de favela, eu gosto de morar dentro de favela.** Você chega pra comprar uma coisa na loja, quando dá o endereço, diz 'ah, é favela né? Não entrega não'. Tô com cartão de crédito mesmo, dei o endereço e disseram que não chegaria, dei um endereço da casa da mãe de um menino daqui. **Isso não é humilhação? O povo humilha muito a favela. O pobre é humilhação dos ricos, olham torto.**

Os pontos de vista e opiniões de Jiboia sobre as classes sociais brasileiras, bem como as desigualdades, aparecem de imediato ao perguntamos qual dos bairros que morou no Recife lhe agradou mais. Ao ser questionado, uma questão que sobressai como elemento importante para o debate aqui proposto, Jiboia não responde à pergunta apontando um bairro específico e sim, traz uma definição do que seria "um bom lugar" em seu entendimento. Para Jiboia não há lugar ruim e quem faz o lugar é a pessoa, pois, de acordo com ele, a questão central é saber viver. Assim, e ainda mais importante, ao ser questionado sobre o que seria o saber viver no local em que se mora, Jiboia prontamente atribui ao "*saber respeitar e ser respeitado*". Neste sentido, é importante enfatizar que falando sobre o que seria "um bom lugar" é o único momento das três entrevistas no qual Jiboia rotula o pensamento expresso como uma questão já refletida por ele, ou ainda, na qual se tem convicção e, portanto, Jiboia apresenta seu entendimento de modo imediato, *"É isso que vem na minha mente mesmo assim, eu respondo na hora assim porque não tem lugar ruim não"*. O tema é articulado por ele de forma sucinta e aplicando a exemplos - que por sinal, contribuem para reforçar que se trata de uma opinião já refletida e tomada como convicção.

Na compreensão de Jiboia, a *favela* está em oposição à *cidade*, assim como a *nação rica* à *nação pobre*. A relação entre *cidade* e *favela* é fundamental para os objetivos dessa pesquisa, isso porque, de acordo com Jiboia, estar numa *cidade* ou *favela* também define o lugar no qual Jiboia será respeitado como *cidadão* ou, diametralmente oposto a tal posição de reconhecimento, será tratado como *um cachorro*:

J - Aqui respeitam, mas lá na cidade, se eu vou pra lá passear pelo meio desses povos, ele vai considerar eu como cidadão? É um cachorro!

B - Quem?

J - Esses ricos!

B - Como um cachorro?

J - Eu acho que seja, eu acho que seja... porque tem cinco ou seis ali, se eu chegar todo mulambento é a primeira coisa que o cara vai dizer, "ó, que cachorro!" Só porque está com a roupa melhor, porque tem o dinheirinho mais que a pessoa, tem uma leitura mais que a pessoa, certo?

Disposições gerais e *ethos* de classe na pandemia

A partir da relação já estabelecida com Jiboia, somado à biografia sociológica realizada através das entrevistas, é possível tecer algumas compreensões sobre o patrimônio disposicional de Jiboia e, mais especificamente, acerca do seu *habitus de classe*. O nosso principal objetivo é reconstruir os sentidos que os agentes sociais atribuem às suas *práticas de proteção pandêmica*, sendo a prática intermediada por condições objetivas de vida e condicionantes subjetivos de existência.

Dito isto, buscamos dar respaldo às partes integrantes das realidades e das práticas sociais desiguais levando em conta as condições objetivas da classe social e, fundamentalmente, acerca dos condicionantes subjetivos de existência em cada contexto particular na trajetória de vida de Jiboia. Assim sendo, compreendemos que na trajetória de vida de Jiboia, questões sociais como a exploração do trabalho infantil em situação análoga à escravidão; ausência de inúmeros direitos ligados a infância e a adolescência; uma madrasta desumana; o sentimento de ser sozinho no mundo, um *bezerro rejeitado*; baixas condições objetivas de vida; ausência de pré-condições sociais para aquisição de capitais econômicos e culturais via certificado escolar; pobreza extrema em vários momentos diacrônicos; falta de reconhecimento na dimensão do amor; vida solitária de um indivíduo social “solto no mundo”, apesar dos 18 filhos e várias ex-companheiras e o sentimento de ser reconhecido como um cachorro pelo *povo da cidade* foram/vão impondo diferentes condicionantes subjetivos compreendidos aqui sob o conceito disposicional de *ethos precário*. Tal *ethos* que pôde ser percebido em alguns contextos sociais, para fins da presente pesquisa foi analisado visando compreender as intermediações

entre o *ethos precário* de Jiboia, condições objetivas de vida e as *práticas de proteção pandêmica*.

Antes de nos aprofundarmos na reconstrução dos sentidos das práticas de Jiboia na pandemia intermediados pelo *habitus de classe*, é necessário colocar dois outros conjuntos de disposições que foram compreendidas aqui como *disposições fortes* e que, a depender do contexto social, incidem de modo decisivo nas práticas cotidianas de Jiboia: disposições religiosas - embora Jiboia não seja de nenhuma religião e faça questão de ratificar por vez que não é evangélico - e o *eidós* acerca dos esquemas lógicos.

Assim, as ações cotidianas são intermediadas por crenças religiosas, principalmente quando a resolução dos perigos, como acerca das *práticas de proteção pandêmica* que são tomadas de sentido através de intermediações com as *disposições de crença* religiosa. Entretanto, cabe ressaltar que as fortes crenças religiosas de Jiboia, não são, sob hipótese nenhuma, tidas como uma disposição geral que define suas práticas e visões do mundo, e sim, estão postas em uma correlação de forças com as demais disposições, a partir da peculiaridade de cada contexto.

Alegando com firmeza que nunca teve medo do coronavírus pois não tem medo da morte, ao longo dos quase três anos de pandemia foram raras as ações de Jiboia para se proteger através de máscaras, isolamento social, higienização correta das mãos e vacinação, ida ao médico quando necessário etc. Aliás, nas poucas vezes que agiu conforme as recomendações de proteção, o sentido de seus atos não era o de proteger-se, estando muito mais associado ao cumprimento das regras.

Neste sentido, é possível inferir que há em Jiboia uma enorme ausência do medo de morrer como comportamento de um *opus operandi* para enfrentar tantas ameaças cotidianas com as quais teve que lidar ao longo dos seus 62 anos, sendo tal comportamento um forte traço disposicional do pouco apego que Jiboia tem por sua própria vida, sedimentado ao longo de uma dura trajetória na forma de uma *ethos precário* - no sentido das *desigualdades existenciais*. No atual cenário de severa crise social pela qual passa o país, os medos mais imediatos de Jiboia são outros e as questões que levam à morte também, como a fome:

J - Eu tenho medo é do povo morrendo é de fome, eu to vendo é povo morrer de fome, porque mercadoria não tem, serviço não tem, dinheiro não tem... Eu não tenho medo de morrer, não tenho o que perder, o que tinha que fazer eu já fiz na minha vida, já estou velho, e eu vou pensar mais em nada, eu não.

Embora Jiboia possua uma das melhores condições de vida de toda comunidade, no atual contexto o entrevistado teme mais as incertezas de seu futuro do que ser acometido pelo coronavírus. Se por um lado, como salienta constantemente, não há trabalho na construção civil; por outro, os mercadinhos que são o único sustento de Jiboia, já não são mais garantias de dinheiro certo, pois o empobrecimento vertiginoso da parcela mais pobre da população impacta diretamente nas vendas de Jiboia.

J - [...] O cara só faz aquilo que o cara tem que fazer... é fazer aquela coisa e não ter medo. **Não tenho medo dessas doenças... pronto, olha aí, isso que faz medo** [referindo-se a um senhor que acabara de pegar fiado uma lata de de cachaça] **porque se eu não tirar, como eu vou botar? É isso...** que eu já levei muito fumo aqui... aí tem que botar na cabeça.

B - O povo aqui tá sem dinheiro?

J - **Tudo sem dinheiro né? Que não tem serviço para trabalhar, até para as mulheres mesmo está ruim, que era uma faxina de um lado, faxina em outro, ia para um canto, ia para outro, agora não aparece faxina e nem nada.** Vamos ver se melhora agora depois que Lula entrar. Lula... [longa pausa] já estão fazendo guerra com ele de novo.

Talvez um dos marcadores mais precisos para dimensionarmos a crise da escassez de trabalho entre a *ralé estrutural*, seja a constatação de Jiboia sobre a falta de faxinas como atividade de trabalho para as mulheres no contexto pandêmico. Como se sabe, apesar da precarização, o trabalho das funcionárias domésticas é uma das categorias mais disponíveis para as mulheres das classes populares desde seu primeiro fulcro. Sem essa renda, as chefes de família acabam tendo que se virar de outras formas, como podemos constatar nos relatos de Jiboia:

J - **O povo aqui tá com fome e indo para Ceasa catar lixo... tem lugar para pegar mais doença que na Ceasa?** O pessoal saía daqui para catar tomate, cebola... lá é tudo no chão, ali chove, pisa, carro machuca, ai fica ali aquela água preta no chão, aquilo dá uma doença... **mas tinha que comer, caçar o que comer, chegar aqui lavar, escaldar para comer porque não tinha dinheiro para comprar, tudo isso é pandemia, entendeu?**

Um dos maiores temores de Jiboia é se tornar uma pessoa dependente dos outros para sobreviver, sendo tal questão motivo de orgulho próprio. Esse traço disposicional por um lado, é forte, sendo capaz de motivar esforços cotidianos de trabalho duro, mesmo aos 62 anos e tendo um corpo cansado; por outro é frágil, pois através dos depoimentos percebemos que é emocionalmente muito doloroso para Jiboia imaginar que em um futuro breve os mercadinhos possam vir a fechar e ele possa a voltar a posição social já ocupada de pedinte.

Outra característica disposicional de Jiboia que cabe ser ressaltada na reconstrução dos sentidos dos seus atos no contexto pandêmico é a particularidade de ter apreendido a lidar com

as baixas condições de vida. O *ethos ascético* quando o assunto é represar comida e dinheiro volta à tona como uma das particularidades que são capazes de conferir a Jiboia uma vantagem social em um cenário de pobreza crescente. Assim sendo, evidenciamos que embora a preocupação de Jiboia seja com o futuro, o medo é de uma dor conhecida, a fome. E não de uma doença desconhecida.

Neste sentido, cabe resgatar as compreensões sociológicas do *patrimônio disposicional* de Jiboia analisadas no acima no qual compreendemos que as gêneses das disposições, seja por meio de uma economia moral herdada do pai ou de Paulo, são fundamentais para lidar com atual contexto de crise social e sanitária. Precisamente nesse sentido acerca das particularidades, Jiboia sabe que a capacidade pessoal de armazenar comida e dinheiro lhe faz distinto dos demais moradores da ocupação, principalmente diante da atual crise social e sanitária - “*Toda vida eu gostei de guardar o meu pouquinho, agora foi que ficou pior, tem que guardar ainda mais um pouco, agora na pandemia é que tem que comprar regado mesmo, porque dinheiro não tem.*”

Cabe ressaltar que para além do *ethos de classe*, das *disposições de crença religiosa* e das *disposições ascéticas* do saber racionar comida e dinheiro, na reconstrução dos sentidos dos atos de Jiboia na pandemia é preciso ressaltar como a indústria negacionista da pandemia inculcou percepções subjetivas a Jiboia que incidem diretamente em suas práticas cotidianas.

Em diversos momentos, quando questionado sobre certo desvio de suas práticas no período, por meio dos esquemas lógicos do *eidós*, Jiboia desdenha da pandemia reproduzindo as *fake news*, questão tal, que lhe encoraja nas ações de práticas desviantes das *práticas de proteção pandêmica*. Embora Jiboia seja politicamente de esquerda - como se define - e não goste do atual presidente Jair Bolsonaro, cabe enfatizar que uma série de entendimentos e práticas de Jiboia sobre a pandemia encontram respaldo na posição pública do presidente, como o desinteresse e receio de Jiboia em tomar as vacinas.

Um exemplo desse respaldo entre determinadas *práticas de proteção pandêmicas* e as posições públicas do presidente, pode ser vista nos apontamentos da pesquisa intitulada *More than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior During a Pandemic*. A pesquisa demonstra que as palavras e ações de líderes políticos afetam o comportamento das pessoas no que diz respeito ao isolamento social. A pesquisa descobriu que após o presidente Jair Bolsonaro minimizar os riscos da pandemia do SARS-CoV-2 e ter desaconselhado o isolamento social, as localidades que apresentavam os maiores números de pessoas pró-governo - com base na eleição de 2018 - foram os lugares que apresentaram o maior enfraquecimento dos índices de isolamento social em comparação com as localidades nas quais o presidente não apresenta a mesma popularidade.

Jiboia diz ter medo das consequências de tomar uma vacina que, segundo ele, não é segura. Tal receio de Jiboia é oxigenado pela posição do presidente; contudo, cabe ressaltar que o receio não está associado à figura de Jair Bolsonaro, e sim, à posição que este ocupa, de presidente da república. Essa questão é posta da seguinte forma: "*Se o presidente não quer tomar, motivos para isso há... foi o primeiro que não quis tomar*".

A respeito do uso de máscaras, ainda na primeira entrevista, em tom de humor, Jiboia nos apresenta a vasta coleção de máscaras que tem devido às muitas compras que teve que fazer quando na ocasião foi exigido para que utilizasse a máscara - "*Quando alguém reclama, 'certo, eu vou botar' quando eu vou no metrô, eu tenho bem umas 40 máscaras aí, eu saio para os cantos e compro... 'eita, posso entrar não', 'quanto é uma?', 'É dois', 'me dê'*". Jiboia não oferece resistência quando exigido o uso da máscara, alegando ter medo da represália popular.

O uso de máscara por Jiboia no período pandêmico é plural e, em grande medida, contraditório. Em outro momento, embora não entenda os motivos, Jiboia reconhece a importância do uso da máscara, inclusive, classifica a não utilização e o não isolamento como um "vacilo". Contudo, como ocorre em quase todas as suas opiniões sobre as práticas dele no período, as disposições de crenças do determinismo religioso e, em maior grau, o *ethos precário* como conjunto de disposições que, entre outras coisas, estão atribuídas a uma valentia perante os perigos do mundo e da morte, como no caso do contexto da pandemia, uma grande ausência do medo em morrer da doença em questão.

Ao longo das três entrevistas, Jiboia afirma com firmeza que nunca ficou em casa e nunca ficará, que nunca teve medo e nem tem medo de morrer. Além do *ethos precário*, o recorte geracional faz Jiboia ter ainda menos apego com a própria vida. Como podemos observar ao longo da entrevista, a idade mais avançada reverbera em algumas questões na vida de Jiboia, a exemplo da possibilidade de ter um trabalho com carteira assinada - "*Nessa idade, ninguém vai assinar a minha carteira*" - e menores chances em conseguir, de maneira fixa, uma companheira; neste caso, compreendemos que a idade mais avançada torna para Jiboia sua vida ainda menos interessante para si ou até menos valorizada pelo próprio, o que por vez, culmina no menor medo de morrer, inclusive quando o assunto é morrer devido às complicações do coronavírus.

Considerações finais

Como vimos, as *práticas de proteção pandêmica* de Jiboia na pandemia - utilização de máscara, higienização correta das mãos, vacinas e isolamento social -, em geral, não se encontram em conformidade com as recomendações para proteção contra o coronavírus. Jiboia não utilizou máscaras; fez pouquíssimo o isolamento social como forma de evitar ser contaminado; não lava as mãos corretamente com sabão; e somente tomou a vacina por relativa pressão dos membros da coordenação do movimento social.

Assim sendo, acerca do comportamento de Jiboia na pandemia, a presente pesquisa focou na reconstrução dos sentidos dos atos atribuídos pelos próprios agentes sociais. Dito isso, compreendemos - após três longas entrevistas biográficas e análises - que o *habitus de classes*; o conjunto de disposições que conformam o *ethos precário*; as *disposições de crença* religiosa; e disposições precarizadas dos esquemas lógicos do *eidós*, são características sociológicas de Jiboia que permitem a reconstrução dos sentidos das práticas no período pandêmico aqui analisado sendo fortemente intermediado por questões relativas às desigualdades sociais brasileiras.

Como foi percebido, nas poucas vezes que Jiboia agiu conforme as recomendações, o que o mobilizou estava muito mais relacionado com outras questões do que com a motivação de proteger-se dos perigos que uma possível contaminação; como no caso do uso das vacinas, que aconteceu quando descobriu que sofreria algumas restrições em relação a carteira de trabalho, para abrir contas em bancos etc., ou ainda no caso das máscaras, que na grande maioria das vezes Jiboia somente utilizava quando exigido, seja por normas de um determinado local ou por pressão de populares que exigiam de tal proteção.

Reconstruir os sentidos que estão imbuídos nas práticas é reconstruir as condições objetivas de vida e os condicionantes subjetivos de existência. Como visto, se por um lado as condições objetivas determinam uma série de práticas, principalmente em um cenário marcado pelo abrupto aumento da pobreza, da fome, desemprego etc., por outro lado, as disposições citadas acima enegrecem a compressão das ações de Jiboia no período: a ausência do medo da morte está imbricada ao *ethos precário de classe* dele, tornando assim, compreensível do ponto de vista sociológico as *práticas de proteção pandêmicas* desviantes das recomendações.

Dito isso, não nos resta dúvida de que a *desigualdade existencial* - compreendida aqui sob a forma disposicionalista de *ethos precário* - é um elemento social central na reconstrução dos sentidos das *práticas de proteção pandêmica* que não estão em conformidade com as recomendações no período. A baixa autoestima, baixa dignidade social, sentimento de ser *um*

cachorro para outras classes sociais, a falta de reconhecimento no amor conjugal ou familiar, as dores que carrega pelo fardo de ser um favelado, são questões que fazem com que não só a sociedade, mas também o próprio Jiboia acabe por valorar sua vida como algo sem muita importância, resultando, portanto, em baixas *práticas de proteção pandêmicas*.

REFERÊNCIA

AJZENMAN, N; CAVALCANTI, T.; DA MATA, D. **More Than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior during a Pandemic** (April 22, 2020). DOI: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3582908>.

BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: Editora Zouk/Edusp, 2007.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Pierre Bourdieu. Tradução Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5. ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LAHIRE B. **Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SEN, A. K. **Desigualdade reexaminada**. Tradução e apresentação de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira: Para entender o país além do jeitinho**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. 288 p.

THERBORN, G. **Inequalities and Latin America. From the Enlightenment to the 21st Century, desigualdades.net Working Paper Series**. Berlin: desiguALdades.net Research Network on Interdependent Inequalities in Latin America, 2011.

Como referenciar este artigo

FONSECA, B. L. Pandemia e habitus de classe: análise de práticas sociais de autocuidado durante a pandemia de Covid-19 na região metropolitana do Recife. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 11, n. esp. 1, e022024, 2022. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v11iesp.1.17628>

Submetido em: 15/08/2022

Revisões requeridas em: 19/09/2022

Aprovado em: 11/11/2022

Publicado em: 26/12/2022

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.
Correção, formatação, normalização e tradução.

